



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919  
[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

## **EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: CAMPO DE/EM FORMAÇÃO**

FERNANDES, Renata Sieiro  
Pedagoga, mestre e doutora em Educação pela  
Faculdade de Educação UNICAMP, pesquisadora  
do Centro de Memória – UNICAMP  
[rsieirof@hotmail.com](mailto:rsieirof@hotmail.com)

GARCIA, Valéria Aroeira  
Pedagoga e doutoranda em Educação pela  
Faculdade de Educação UNICAMP  
[va\\_garcia@hotmail.com](mailto:va_garcia@hotmail.com)



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

**RESUMO:** O campo da educação não-formal encontra-se em processo de constituição dependendo das ações colocadas em prática por diferentes profissionais e por instituições de diferentes origens: públicas, privadas ou do terceiro setor. Por suas próprias características, ela não pode existir sozinha, precisando dialogar com outros campos e áreas do fazer e do saber para ir se construindo. Propomos apresentar e discutir a relação entre três pontos que a contextualizam: a formação do campo conceitual e prático dessa especificidade de educação, quem são os educadores que vêm atuando nas propostas de educação não-formal e o que seus frequentadores elencam como aspectos necessários e importantes para suas permanências em espaços educativos dessa ordem. O ponto de partida para esta reflexão provém de duas pesquisas de doutorado na área das ciências sociais aplicadas à educação. Uma delas busca compreender conceitualmente o campo da educação não-formal como independente em relação ao campo da educação formal. A outra busca trabalhar a partir de representações que ex-freqüentadores de um projeto de educação não-formal fazem em seus depoimentos orais sobre essa experiência educativa e formativa, diferente da escolar. O diálogo entre essas duas pesquisas visa contribuir para uma reflexão por parte dos educadores que trabalham em instituições, organizações, associações de caráter não-formal, a respeito de suas práticas de trabalho, refletindo na atuação cotidiana de cada um e, conseqüentemente, contribuindo para a formação das crianças e jovens sob responsabilidade desses profissionais. Visa, também, servir de apoio teórico para os trabalhos de instituições, associações, organizações que atuam nesse tipo de educação, como também para o crescimento da importância dada pela universidade a esse novo conceito de educação que ainda é pouco estudado.

**Palavras-chave:** educação não-formal, formação de educadores, crianças e jovens.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

## INTRODUÇÃO

Pensar a educação envolve algo muito mais amplo do que pensar somente em escolas. A escola possui um papel central na formação dos estudantes que por ela passam, principalmente no que diz respeito ao acesso aos conhecimentos historicamente sistematizados pela sociedade. As especificidades da educação são muitas, entre elas a educação não-formal, que vem ocupando um espaço que merece atenção, tanto no cenário nacional quanto no internacional. Segundo Afonso (1989)

“(…) por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade) diverge ainda da educação formal no que respeita à não-fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto” (p. 78).

Este trabalho tem a intenção de contribuir para as discussões referentes à compreensão do campo da educação não-formal, trazendo subsídios das reflexões teóricas já realizadas sobre o tema, tanto no Brasil quanto em outros países, como também discussões referentes à prática da educação não-formal, no segmento das propostas educacionais realizadas com crianças, jovens, adultos e velhos, em períodos que não aqueles preenchidos pela educação formal.

A questão inicial, de cunho filosófico, é compreender sobre qual campo conceitual e teórico se sustentam essas propostas, que nos últimos anos, vêm ganhando diferentes espaços na sociedade e que, em geral, têm sua força nas ‘propagandas’ de que, através de diferentes estratégias educacionais, resultarão em melhorias no denominado ‘setor social’. A partir dessa indagação, foi necessário compreender a noção de conceito, assim como de campo conceitual para tentar concebe-lo como campo independente, apesar de relacionado ao campo da educação formal, e sua especificidade.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

O contato com os autores que produziram especificamente sobre educação não-formal possibilitou que se encontrasse, de certa maneira, a ‘história’ da educação não-formal, através de leituras, análises e comparações realizadas entre as obras que se preocuparam com o estudo do campo da educação não-formal, como também a percepção de que em alguns períodos históricos específicos, a utilização de termos, nomenclaturas que não se referiam ao contexto da educação formal, como: educação extra-escolar, clubes de cultura, universidade popular etc, já estavam presentes.

Em outros momentos, a pesquisa, o conhecimento, o contato e a observação em campo de diferentes propostas (de origem pública, comunitária, religiosa e da sociedade civil – ong’s) auxiliaram na análise e compreensão do segmento específico da educação não-formal, responsável por ações, propostas e projetos realizados com crianças, jovens, adultos e velhos, fora do tempo da educação formal.

Apontar a atuação profissional é outro importante aspecto do processo formativo e educativo de seus frequentadores (tanto quanto desses mesmos profissionais).

É preciso compreender algumas propostas que discutem a educação social, visto que algumas pesquisas vêm se preocupando em analisar as especificidades dessa “nova” função/profissão na área educacional.

É importante sinalizar que, na prática, tanto o trabalho cotidiano dos profissionais que atuam nessa área como o oferecimento de “cursos” de formação para eles, como pesquisas que discutem o papel e as ações desses profissionais, vêm sendo realizados, o que mais uma vez, mostra o movimento dessa especificidade de educação, que muitas vezes se dá respondendo as necessidades mais imediatas.

Nos programas e propostas realizados o compromisso com questões que são importantes para um determinado grupo é considerado como ponto fundamental para o desenvolvimento do trabalho educacional (não-formal), mais importante do que



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

qualquer outro conteúdo pré-estabelecido por pessoas, instituições, valores que não fazem parte dos ideais desse mesmo grupo.

Essa característica favorece a terminologia educação social, ao menos ao considerarmos as propostas educacionais, artísticas, culturais e corporais, voltadas para o atendimento de crianças, jovens, adultos e velhos fora do contexto da educação formal, pois são propostas dentro do campo da educação não-formal, mas que são específicas de questões sociais.

Essa compreensão delimita uma série de “atividades” que, muitas vezes, são consideradas como atividades de educação não-formal, independente de uma série de questões que deveriam ser levadas em conta ao analisar se uma proposta se refere ao campo da educação não-formal, ou não; por exemplo: uma atividade de tricô na escola é uma atividade não-formal, dentro do espaço formalizado da escola? Essa compreensão reduz o campo da educação social/não-formal à atividade, como se esse campo educacional não tivesse uma série de particularidades na sua configuração e possibilidade de atuação.

Tal exemplo, assim como outros, são situações que têm a educação como mediadora de relações de aprendizagem, mas têm como objetivo o ensino ou exercício de técnicas e/ou habilidades. No contexto educativo, as atividades são secundárias ou são os meios para atingir objetivos bem definidos; o foco principal para a educação social é o compromisso com questões de cunho social, almejando a melhoria das condições sociais da população.

As propostas educacionais voltadas para crianças e jovens, realizadas fora do contexto e tempo destinados à educação formal, podem ser compreendidas como pertencentes ao campo da educação não-formal, e podem abarcar diferentes projetos que englobem tanto aqueles que estejam vivenciando alguma situação de conflito social, como também aqueles que não estejam passando por situações desse tipo.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

O cuidado é no sentido de fazer com que as “populações marginalizadas” não sejam, mais uma vez, vítimas das propostas que são pensadas para elas e não junto com elas, e que, pelas características econômicas elas não passem a ser vistas como necessitadas de cuidados em separado dos demais, delegando à educação social a responsabilidade de sanar os problemas dessa população e adaptá-la ao convívio social, ou a “marca” da educação que se restringe àqueles que têm algum problema, nesse caso, econômico.

## **QUESTIONAMENTOS E REPERCUSSÕES**

Algumas questões podem ser levantadas a cerca dos profissionais/educadores que trabalham com essa especificidade da educação: que profissionais são esses? Quais são as preocupações do educador não-formal? De que experiências anteriores esses profissionais se valem para embasarem suas práticas? De que forma esses profissionais buscam e garantem a sua formação?

A formação profissional específica nem sempre é exigida pelas instituições, associações, organizações, que desenvolvem trabalhos nessa área, e mesmo quando é exigida alguma formação/qualificação básica, não existem cursos que os capacitem, apesar de serem necessários.

Fernandes (2001), assinala que os trabalhos práticos dos profissionais/educadores revelam indícios ou elementos extraídos de suas vivências de infância, escolares, de formação acadêmica ou não, do exercício da maternidade e de repertórios midiáticos acerca da visão de infância e juventude, para tentarem estabelecer seus referenciais que orientam suas práticas educativas.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

Partindo de comentários e depoimentos vindos de ex-freqüentadores de um projeto de educação não-formal (já extinto)<sup>1</sup>, localizado no estado de São Paulo, algumas reflexões e interpretações de suas representações construídas ajudam a pensar as influências positivas e negativas e o impacto desse tipo de experiência na sua vida atual, pessoal e social. Eles verbalizam que essa vivência educativa e formativa diferenciada havia feito diferença em suas vidas e, para muitos, havia evitado que cedessem ao universo da marginalidade.

Isso permite alguns questionamentos: que tipo de experiência esses projetos oferecem? O que “chama” e o que “mantém” esse público como freqüentador, já que sua freqüência e permanência é voluntária? Quais as relações possíveis de serem estabelecidas com o espaço físico, com a metodologia do trabalho, com o tempo e o espaço para a vivência lúdica, com os pares de mesma geração e com os adultos educadores?

A arquitetura de um lugar influencia e, muitas vezes, determina o tipo de interação e relação estabelecida entre as pessoas. O fato das pessoas poderem se ver e se encontrar, de circular, a socialização dos sentimentos, das vivências, dos interesses e das necessidades, a maior ou menor tutela do olhar adulto, os limites e abrangências da visibilidade e transparência, o espaço circular ou angular, os vãos ou a ausência deles, espaços abertos ou fechados, verdes, floridos, acinzentados, implicam em outras e novas formas de se interagir e de se relacionar.

Vaidergorn (2001) diz que,

“A arquitetura da educação não-formal não é a cópia do que existe como edificação, mas um simulacro em constante mutação. Simulação é mais do que

---

<sup>1</sup> Os dados foram obtidos com o fim de servirem de base para o desenvolvimento de uma pesquisa de Doutorado, defendido em fevereiro de 2005, na Faculdade de Educação – UNICAMP (ver Fernandes, 2005).



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

real, pois, é interação entre o espaço e o imaginário humano, é espacialidade, movimento, mutação, flexibilidade” (p. 81).

Outro ponto a que os ex-freqüentadores se referem é o vínculo afetivo. Eles ressaltam os laços de amizade estreitos, tanto com os profissionais como com os meninos e meninas – do bairro ou não –, mas enfatizam as relações construídas com os primeiros. A freqüência das conversas, dos diálogos, e a possibilidade de poder aprender com o outro mais experiente e também dividir problemas, anseios, dúvidas, fazem com que, muitas vezes, as/os educadoras/es sejam convidados para serem madrinhas/padrinhos de casamento ou batizado, por exemplo, estabelecendo, então, novas relações – no caso, de compadrio – que extrapolam as funções relacionadas ao trabalho pedagógico.

Também se remetem ao fato de terem sido bem recebidos, de terem sido aceitos e, principalmente, de terem recebido afeto.

Nesses dois casos, mais especificamente, podemos perceber que as posturas avaliadas qualitativamente pelos ex-freqüentadores, extrapolam o repertório obtido na formação acadêmica dos profissionais, em especial, dos cursos de Magistério, Pedagogia e Licenciaturas em geral.

A sociabilidade e o espaço de convivência também proporcionados pela vivência comunitária em alguns desses espaços, permitem a ampliação e a intensificação das relações dos sujeitos com seus bairros e com os demais espaços da cidade.

Exposições e apresentações de trabalhos feitos, os validam e os valorizam para os próprios familiares e vizinhos, assim como para a sociedade mais ampla, fato que ajuda na re-construção da auto-estima e da identidade e que auxilia na criação ou aumento do vínculo de pertencimento a um grupo social e a um bairro e/ou cidade.

A metodologia do trabalho realizado, baseado não em um currículo a priori, mas em temas de interesse dos grupos, bem como o uso das linguagens artísticas (dança, teatro, música, plásticas e visuais), aparece como altamente motivador. A possibilidade



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

de tomarem contato e conhecimento de outros repertórios culturais – a circularidade da cultura -a que eles, talvez, não tivessem acesso tão facilmente, é bastante valorizada. A ampliação do repertório cultural envolve o contato com músicas, filmes, visitas feitas a outros lugares, passeios para outras cidades e são lembrados como experiências de conhecimento do mundo, paradoxalmente próximo e distante.

Os depoimentos também enfatizam o trabalho prático feito pelos frequentadores, o aprender a fazer, o construir com as próprias mãos e, dessa forma, poder saber o processo de criação e confecção de produtos, o que faz com que se sintam não apenas consumidores, mas produtores de cultura. O plantio de hortaliças utilizadas no almoço, as tramas dos fios coloridos no tear, o bambu e a cabaça que se transformam em berimbau, o cordão trançado para amarrar a calça na capoeira, os consertos de bicicletas, são, por exemplo, situações inesquecíveis.

O processo de construção conjunta, os vínculos entre as atividades e sua continuidade são encarados como fundamento de algo feito no coletivo e que se torna significativo pois, se reconhecem no que produzem, ao mesmo tempo em que se vêem refletidos no que foi feito pelos outros grupos (porque, em algum momento, uma parte de seu trabalho serviu e foi imprescindível para a concretização de um trabalho final).

Outra característica relacionada à metodologia do trabalho é a busca pela origem dos assuntos, partindo-se do conhecimento real que o grupo tem e ampliando-o, buscando o conhecimento potencial, a partir de pesquisa e de troca e circularidade de repertórios culturais, entre adultos, jovens e crianças. É uma forma de busca da história -e de re-conhecimento – de projetar para o futuro, daí, a importância e a relevância dos registros do percurso do trabalho desenvolvido, através de vários tipos linguagem: escrita, pictórica, fotográfica, videográfica etc... Esses materiais servem, inclusive e posteriormente, como suportes da memória, disponíveis para consulta e para serem



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

recuperados em outros momentos, re-apresentando os contextos, os sentimentos, as relações envolvidas e provocando novas interpretações e leituras atuais.

Todos esses são alguns dos pontos importantes e mais reiterados pelas falas dos entrevistados, mas, outros dois ainda merecem ser apresentados: o espaço da biblioteca – logo, o contato com os livros – e o momento da brincadeira e do jogo.

O livre acesso à biblioteca e a disponibilidade de materiais diversos para manuseio, consulta e ativação da curiosidade, bem como o aconchego e a agradabilidade do lugar fazem com que se lembrem de estarem deitados nos tapetes ou recostados nas almofadas, lendo gibis, histórias, livros informativos, de arte, revistas, todos juntos, ou sozinhos ou com um adulto lendo para eles. O espaço da biblioteca refere-se ao lugar da leitura, da imaginação, da fantasia, habilidades reconhecidamente aperfeiçoadas na vivência desse espaço.

A brincadeira e o jogo merecem um destaque especial pois eram garantidos na rotina diária desses frequentadores, o que demonstra uma sensibilidade da equipe de profissionais para com a importância e validade dessa ação – principalmente em relação ao tempo despendido para ela.

“Tentar procurar em si, na memória de vivências pessoal, social e corporal, as marcas da infância e da brincadeira, positivas e/ou negativas, e buscar reviver situações semelhantes ou vivenciar o que não foi possível, aproveitando as oportunidades lúdicas que o espaço (da educação não-formal) permite, talvez ajude a acurar o olhar (dos adultos) e a refinar as relações mantidas com os grupos de crianças e jovens, bem como ajude a incentivar e a partilhar de um tipo de pensamento menos racional e mais fantasioso, que o contato com a infância e com a brincadeira permitem” (FERNANDES, 2001, p. 215).

Os grupos de brincadeiras formam-se nos lugares onde as crianças mais se encontram, que lhes proporciona segurança e liberdade para brincar e jogar e, através desses grupos e das ações de brincar, os meninos e meninas são introduzidos nas experiências socioculturais e imaginárias dos outros, assimilando, apropriando-se e recriando conhecimentos e significados do contexto social em que vivem.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente a esses dados expressos na fala desses ex-freqüentadores podemos levantar as seguintes considerações: a vivência em um espaço de educação não-formal, que se diferencia da formal pela maior flexibilidade de tempo e liberdade para escolher os conteúdos a serem desenvolvidos, bem como por ser uma escolha de iniciativa voluntária e não obrigatória, permite a conquista de valores humanos mais positivos, o desenvolvimento da autoconfiança, da construção da identidade e do sentimento de pertença, necessários e indispensáveis para a formação de crianças e jovens; a vivência e construção de um processo educativo diferenciado (dividindo com a educação formal as marcas na biografia das pessoas), em uma instituição outra que não a escola, favorece um espaço de formação cotidiano e contínuo para todos os envolvidos, adultos-educadores, crianças e jovens freqüentadores.

Esses lugares que abrigam propostas não-formais servem como espaços de sociabilidade – como acontece em locais mais informais, como a rua, por exemplo – e também de socialização – como ocorre em locais institucionalizados, com estruturas determinadas de funcionamento. A vivência comunitária, a mistura de idades e gerações são marcas fortes que transparecem nas verbalizações.

Essas experiências ajudam a elevar a imaginação, criar e concretizar idéias, aprender a planejar, a dar continuidade, a não deixar “coisas pelo caminho”, sem finalização. Os freqüentadores aprendem a dar valor a si mesmos e receber validação do outro.

Os efeitos mais imediatos que podem ser notados são os seguintes: aumento da auto-estima, (re)construção da personalidade e identidade, formação de vínculo afetivo, sentimento de pertencimento, desenvolvimento do processo criativo e da imaginação.

Essas experiências também servem como alternativas ao universo da marginalização e das drogas, principalmente por sua ênfase na formação do indivíduo.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba  
ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

As perspectivas da educação não-formal ajudam a evidenciar o quão importantes e válidas se tornam às experiências educativas e formativas desse tipo, ocorrendo paralelamente à frequência escolar; permitindo afirmar que a educação não-formal seja vista, então, como mais uma possibilidade de vivência educativa, atuando em outros setores em que a educação formal não atua, sem competir com ela, mas visando complementá-la.

As reflexões contidas nesse texto provêm de recortes feitos de duas pesquisas de doutorado, em andamento, na área das ciências sociais aplicadas à educação. Uma delas busca compreender conceitualmente o campo da educação não-formal como independente em relação ao campo da educação formal, a partir de material teórico e de observações e exemplos extraídos da prática cotidiana de instituições de diferentes origens (pública, ong., religiosa e comunitária). A outra se propõe a trabalhar a partir de representações que ex-freqüentadores de um projeto de educação não-formal fazem em seus depoimentos orais sobre essa experiência educativa e formativa, diferente da escolar.

Dentre os vários temas e assuntos que essas pesquisas abordam, um deles pode ser mais evidenciado: o da formação dos profissionais envolvidos na educação de crianças e jovens no campo do não-formal, visando contribuir com reflexões teóricas que permitam a eles repensarem, re-avaliarem e replanejarem suas posturas e práticas assumidas, de modo a constituírem um trabalho mais consciente e engajado socialmente.

A realidade parece mostrar que muitas dessas práticas se deram por uma necessidade emergente da própria prática e vêm acontecendo e se constituindo sem uma análise e reflexão teórica mais aprofundada por parte dos envolvidos. Dessa forma, a reflexão se dá muito mais no âmbito do cotidiano, através da oralidade, de tateios e da



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

necessidade de resolver situações do dia-a-dia, o que implica dizer que é a prática que vem construindo o campo da educação não-formal.

Dizer que a prática, o conhecimento do dia-a-dia vem construindo essa especificidade de educação, significa compreender que as discussões acerca desse tema se dão, também, com esse cotidiano muito perto, portanto elas são cheias de paixão, envolvimento, esperança, frustrações, angústias, decepções.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da educação não-formal: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática?, in ESTEVES, A. J. e STOER, S. R., A sociologia na escola, Porto: editora Afrontamento, 1989, p. 83–96.

FERNANDES, Renata Sieiro. As marcas do vivido sentido: memórias de jovens ex-requentadores de um projeto de educação não-formal, tese de Doutorado, Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, SP, 2005.

\_\_\_\_\_. Entre nós, o Sol: relações entre infância, cultura, imaginário e lúdico na educação não-formal, Campinas, SP: editora Mercado de Letras/Fapesp, 2001.

VAIDERGORN, Izaak. Sol e ar, de solidariedade e de arriscar: a espacialidade e a sacralidade, in SIMSON, O. R. de M. von, PARK, M. B. e FERNANDES, R. S. (orgs). Educação não-formal: cenários da criação, Campinas, SP: editora da UNICAMP/CMU, 2001, p. 79–93.

### Valéria Aroeira Garcia

Doutora em educação na área ciência, política, educação e cultura, tendo pesquisado a constituição do campo da educação não-formal no Brasil, e suas relações com a educação social e educação de rua. Possui experiência profissional no campo da educação não-formal. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (1993) e desde então tem participado de grupo de pesquisa nos seguintes temas: educação fora da escola, conceito de educação não-formal, educação não-formal, educação social, formação de professores e educação e filosofia. Atualmente é supervisora educacional da Prefeitura Municipal de Campinas.



Mestrado em Educação  
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

[www.uniube.br/propep/mestrado/revista/](http://www.uniube.br/propep/mestrado/revista/)



**UNIUBE**  
Educação e Responsabilidade Social

### **Renata Sieiro Fernandes**

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (1993), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Foi bolsista Recém-Doutor (Capes-Produt) na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, no Departamento de Ciências Sociais na Educação (Gepedisc) (2008-2010). Sou docente do Programa de Mestrado em Educação do Unisal - Americana/SP. Tenho experiência na área de Educação atuando principalmente nos seguintes temas: educação formal e não-formal, cidade, infância e juventude, memória, pedagogia de projetos.

